

# Dos fundamentos kantianos do conceito de cronotopo de Mikhail Bakhtin: convergências e divergências

Thayrine Vilas Boas

Universidade Federal de Lavras - UFLA

Fábio Luiz de Castro Dias\*

Universidade Federal de Lavras - UFLA

## RESUMO

O objetivo geral do nosso artigo se localiza no cerne da corrente de análise das influências da tradição filosófica sobre o pensamento teórico de Mikhail Bakhtin [1895-1975], a se direcionar, de modo particular, para a elucidação parcial de parte dos fundamentos da filosofia de Immanuel Kant [1724-1804] do conceito bakhtiniano de cronotopo, muito importante, segundo o filósofo russo, para a adequada compreensão das questões em torno da articulação entre o espaço e o tempo na arte e na vida. O nosso artigo se embasa na comparação das noções de espaço e de tempo em *Crítica da razão pura*, de Kant, e em *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*, de Bakhtin, a fim de apresentação dos pontos de encontro e de desencontro entre as concepções de ambos, cada uma, logicamente, inserida na particularidade epistemológica do seu projeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cronotopo. Espaço e Tempo. Bakhtin. Kant.

## ABSTRACT

This article aims to make a discussion about the influences of philosophical traditions on the thought of Mikhail Bakhtin [1895-1975], focusing the partial characterization of some Kantian philosophy foundations of Bakhtinian concept of chronotope, very important, according to him, for the proper understanding of the questions around the articulation between space and time in the literary work. To do so, it makes a comparison of the notions of space and time in Kant's *Critique of Pure Reason* and Bakhtin's *Theory of the Novel II: the forms of time and the chronotope*, to point out the meeting points and those of mismatch between both authors conceptions, each one, logically, inserted in his epistemological particularity.

**KEYWORDS:** Chronotope. Space and Time. Bakhtin. Kant.

## Considerações iniciais

A questão do espaço e do tempo sempre ocupou grande parte das reflexões nos diversos campos científicos, nas ciências positivas, como a física, às especulativas, como a filosofia. Quiçá, a maior prova de verdade da nossa afirmação possa encontrar-se nas diversas concep-

\* castrodias.f.l@gmail.com

ções de espaço e de tempo, das filosofias de Immanuel Kant e de Martin Heidegger [1889-1976] – cuja obra principal se denomina, aliás, *Ser e Tempo* (2012 [1927]) –, à física de Albert Einstein [1879-1955]. As questões em torno do espaço e do tempo se tornam indispensáveis, também, para a história e a historiografia, como nos é possível perceber pelas discussões de Jacques Le Goff [1924-2014] (2013 [1988]). Da teoria literária, poderíamos retirar inúmeros nomes, como o do filósofo Georg Lukács [1885-1971], que nos dá os meios, em seu *A teoria do romance* (2009 [1962]), para alcançarmos uma reflexão sobre as questões do espaço e do tempo na configuração do gênero romanesco, no que se refere principalmente aos pontos de condicionamento e de significado dos elementos históricos do romance.

No cenário de profusões dos modos de entendimento do espaço e do tempo, em consonância com a diversidade de formulações referentes ao mesmo tema no contexto de emergência do seu pensamento, insere-se a concepção de Mikhail Bakhtin, que se trata, segundo o nosso olhar avaliativo, de uma proposta analítica através da qual se afirma a tentativa de delimitação da *relação indissolúvel* entre o espaço e o tempo na formação concreta dos *acontecimentos*<sup>1</sup>, seja na vida, seja na arte. É daí, compreendemos, que se derivou o conceito bakhtiniano de *cronotopo*, cujos fundamentos se encontram alicerçados em uma série de reflexões científicas e filosóficas da história das ideias acerca do que é o espaço e do que é o tempo.

Dentre as muitas *vozes dialógicas* com as quais se relaciona e sobre as quais se fundamenta o conceito bakhtiniano de cronotopo, duas são explicitamente assumidas pelo pensador russo: Einstein e Kant. Bakhtin é claro, por um lado, em relação à sua inspiração na concepção einsteiniana. Por outro, é categórico ao afirmar que se fundamentou, ao mesmo tempo, em certos pressupostos das noções kantianas, no que se refere, sobretudo, ao *caráter formal, determinante e necessário do espaço e do tempo para a instituição do conhecimento e da representação* (BAKHTIN, 2018 [1937-1938]).

Tendo em vista a assunção, por parte de Bakhtin, de dados fundamentos das acepções de Kant de espaço e de tempo, bem como da importância do conceito de cronotopo para a compreensão humana dos acontecimentos e dos *fenômenos*, segundo a perspectiva bakhtiniana, na vida e na arte – e na relação entre ambas, quando a vida se adentra à arte pelo viés da cultura –, objetivamos elaborar uma pequena discussão acerca dos fundamentos kantianos do conceito bakhtiniano de cronotopo, com o evidente desejo de delimitação dos pontos de convergência e dos de divergência entre as concepções de Bakhtin e as noções de Kant, tendo, como um pano de fundo, a consciência da clara diferença constitutiva do projeto teórico de ambos os pensadores.

---

1. Trata-se da palavra russa *sobytiie* (событие), que se transpõe como acontecimento ou *evento* para a nossa língua. É um dos mais importantes componentes do conjunto sistemático da reflexão filosófica de Bakhtin. Encontra-se delimitado, pela primeira vez, em *Para uma filosofia do ato* (1993 [1919-1921]). De modo geral, define-se como a unidade concreta e real de constituição e de atuação, sob a égide da historicidade em desenvolvimento ininterrupto, das consciências vivas dos entes humanos, em suas necessárias relações de alteridade. Trata-se de uma concepção, logo, pela qual se dá o entendimento de Bakhtin da inextricável *covivencialidade* marcante da estrutura de constituição e de desenvolvimento da consciência humana. Abordá-lo-emos mais detalhadamente a seguir.

Para realizá-lo, embasar-nos-emos no procedimento de comparação, que se dará a partir da nossa leitura interpretativa da obra *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo* (2018 [1937-1938]), de Bakhtin, e da obra *Crítica da razão pura* (2015 [1781]), de Kant. Evidentemente, a nossa escrituração não pretende esgotar a temática proposta, dado o seu caráter demasiado amplo e, logo, inesgotável, o que se ancora na complexidade e na profundidade das teorias de ambos os autores movidos aqui.

## O conceito de *cronotopo* de Bakhtin

O conceito de cronotopo de Bakhtin se encontra apresentado no livro *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*, traduzido para a nossa língua pelo trabalho de Paulo Bezerra, em uma edição de 2018. Antes da mais recente tradução de Bezerra, o público brasileiro já podia acessá-lo através de uma outra, inúmeras vezes editada, que se denomina *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (2002 [1937-1938]). Desde então, muitos trabalhos em torno do conceito bakhtiniano de cronotopo surgiram no cenário acadêmico do Brasil, como o clássico ensaio de Amorin (2016), o que nos demonstra, por um lado, a sua relevância para a compreensão de determinados fenômenos e, por outro, o ativo interesse dos acadêmicos do nosso país pela proposta apresentada por Bakhtin.

O referido conceito, enquanto um componente do conjunto sistemático da filosofia bakhtiniana, caracteriza-se por uma longa formação, que se insere, portanto, no seio do desenvolvimento intelectual de Bakhtin no decorrer da sua vida. A primeira redação, porém, do livro central para a definição do conceito de cronotopo se situa entre o ano de 1937 e o de 1938 (BEZERRA, 2018). As suas considerações se direcionam para os problemas de análise da configuração do espaço e do tempo nas obras literárias, e estende-se também para uma abordagem das suas manifestações na vida. Ali, “[...] Bakhtin amplia e aprofunda sua concepção cultural como fundamento, ponto de partida e de chegada de uma teoria da literatura, e muito especialmente do romance (BEZERRA, 2018, p. 249).

Na conjuntura teórica do seu livro, Bakhtin nos fornece uma definição aplicável à compreensão da articulação entre o domínio espacial e a dimensão temporal no romance, sobretudo. Segundo o projeto bakhtiniano – do qual se deriva, portanto, a sua definição –, implica-se uma interligação essencial, na constituição da narrativa, entre o conteúdo e a forma pela relação, justamente, entre o espaço e o tempo, denominada de cronotopo (BAKHTIN, 2018 [1937-1938]). E, quando aplicado à análise das obras da literatura, o conceito, em muitos casos, remete-se ao próprio *movimento* da personagem (do herói) *pelo* espaço e *no* tempo, meios de configuração da sua trajetória contínua.

O cronotopo, portanto, permite-nos o entendimento da experiência da vida da personagem a partir da natureza das ações e dos eventos pelos quais se determina o seu desenvolvimento no curso do enredo. Além do mais, possibilita-nos o conhecimento, ao mesmo tempo,

de uma *realidade representada* pela obra literária a partir dos seus fundamentos localizados na configuração do espaço e no fluxo do tempo, o que nos indica que os *contextos* dos acontecimentos narrados e representados, por exemplo, em um romance se tornem operáveis a partir da sua necessária fundamentação cronotópica, tendo em vista que ali “[...] ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história” (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 12).

Assim, parece-nos evidente como a concepção bakhtiniana de cronotopo, por um de seus lados – o que nos interessa aqui –, estrutura-se sobre o entendimento do espaço e do tempo como *formas indispensáveis* do conhecimento e da representação dos acontecimentos narrados na obra literária, além de se formarem como partes integrantes da unidade arquitetônica do romance, de modo a se constituírem como componentes de um todo concreto e inteligível. No mais, trata-se da indicação da relação consubstancial entre o conteúdo e a forma no momento de engendramento das *imagens cronotópicas* (BAKHTIN, 2018 [1937-1938]), cuja estrutura básica se enraíza em *tipos imagéticos* de relativa estabilidade, no interior de uma certa *cultura fundamental*. Ao tratarmos do conceito bakhtiniano, possibilitamos, portanto, um vislumbre, na sua definição e na sua especificação enquanto um componente do conjunto sistemático da filosofia de Bakhtin, de uma parte dos seus fundamentos kantianos.

Para uma adequada compreensão nossa de um ponto da formação histórica do conceito bakhtiniano de cronotopo, é necessário o conhecimento da apropriação criativa e ampliadora, por parte de Bakhtin, das ideias do filósofo e fisiologista russo Alexei Ukhtómski [1875-1942] (BEZERRA, 2018), no pensamento de quem o conceito se aplicava aos fenômenos da realidade, de modo mais geral e universal. De maneira específica, a perspectiva bakhtiniana, que se trata mais de um uso dialógico e remissivo em relação à concepção primeira de Ukhtómski, aplica-se à análise e à compreensão das questões referentes, de forma geral, à cultura e, de forma particular, à literatura – e, através de ambas, à vida, ao se utilizar da arte para referir-se à vivência humana em geral. Na primeira página da sua obra, o pensador russo nos dá a sua definição, assim como nos fornece os limites da sua aplicação:

Chamaremos de *cronotopo* (que significa “tempo-espaço”) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura. Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Para nós não importa o seu sentido específico na teoria da relatividade, e o transferimos daí para cá para o campo dos estudos da literatura quase como uma metáfora (quase, mas não inteiramente); importa-nos nesse termo a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço) (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 11).

Pelas palavras de Bakhtin, é estabelecida uma definição conceitual na qual se tornam indissociáveis o espaço e o tempo, que se dão, na unidade do romance, de modo relacional, de maneira a presumir-se a manifestação do movimento temporal *na* configuração espacial dos

acontecimentos e dos lugares da trama romanesca. O enfoque de Bakhtin incide sobre o modo de constituição do espaço e do tempo enquanto elementos constitutivos do campo dos estudos literários, cujos fundamentos se encontram delimitados, no entanto, pelo universo cultural mais geral no interior do qual se insere a literatura e, conseqüentemente, o romance. Ao se destacar *quase* como uma metáfora das considerações de Einstein (BAKHTIN, 2018 [1937-1938]), a definição bakhtiniana de espaço e de tempo não se limita à sua admissão enquanto *medidas*, mas, especificamente, como *formas fundamentais de materialização do acontecimento*, cujas organizações são dependentes de uma série de fatores *axiológicos*, conteudístico e formais pela qual se determina a formação dos eventos em torno da vida das personagens em relação. Como mencionado por Castro Dias e Vilas Boas,

na literatura, o espaço e o tempo instituem-se como componentes indispensáveis à realização da constituição e do desenvolvimento do fluxo narrativo, no qual se situam, enquanto o seu núcleo operador, as personagens, cujas formações realizam-se através dos seus atos localizados na eventicidade dos acontecimentos representados pela narração (CASTRO DIAS; VILAS BOAS, 2019, p. 81).

Por conseguinte, a formulação de Bakhtin se constitui como a fundamentação de um princípio essencial para a construção do fluxo narrativo das obras literárias do gênero correspondente. Conjuntamente, o cronotopo se apresenta em todos os aspectos dos acontecimentos vividos, bem como na relação entre as personagens de uma narrativa, dada a sua constituição por meio de imagens repletas de significados cronotópicos: “a linguagem é essencialmente cronotópica como um acervo de imagens. É cronotópica a forma interna do discurso, ou seja, aquele sinal mediador por meio do qual os primevos significados espaciais se transferem para as relações temporais” (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 227).

Morson e Emerson (2008), na mesma direção, trazem-nos um conjunto importante de apontamentos sobre o conceito bakhtiniano de cronotopo. Segundo as suas palavras,

em um sentido primário, um cronotopo<sup>2</sup> é uma maneira de compreender a experiência; é uma ideologia modeladora da forma específica para a compreensão da natureza dos eventos e ações. [...] As ações são necessariamente praticadas num contexto específico; os cronotopos diferem segundo os modos pelos quais compreendem o contexto e a relação que as ações e os eventos mantêm com ele (MORSON; EMERSON, 2008, p. 384).

Como nos indicam os citados autores, o cronotopo, além de tratar-se de um conceito no qual se articulam as noções básicas de espaço e de tempo de Bakhtin, é o caminho para a nossa compreensão, segundo o posicionamento bakhtiniano, dos atos e das experiências das personagens em seu caráter unioorrente em um dado momento construído na articulação entre o espaço e o tempo, ligados necessariamente a uma série de outros elementos componentes da unidade do romance. Ao mesmo tempo, fornece-nos os meios concretos para um

---

2. Embora grafado de modo diferente, refere-se ao mesmo conceito bakhtiniano.

possível mapeamento, nas configurações conteudístico-formais de uma narrativa, dos indícios da posição axiológica do *autor-criador* (BAKHTIN, 2011c [1922-1924]) em relação aos lugares representados das personagens, bem como nos pontos concernentes aos acontecimentos construídos em torno das suas vidas. Daí, logo, o cronotopo tratar-se de um modo de compreensão dos acontecimentos, enquanto, concomitantemente, parte do componente axiológico de modelação da forma e de determinação do conteúdo.

Na concepção bakhtiniana de cronotopo, parece-nos se dar, de modo relativo, uma certa primazia do componente temporal, apesar de se referir a uma interligação essencial entre o espaço e o tempo. No entanto, o segundo apresenta-se como uma das dimensões do primeiro<sup>3</sup>, o que nos indica o modo como Bakhtin compreendia a atuação do tempo *no* espaço. O desenvolvimento da temporalidade na narrativa encontra-se submetido a uma *sutileza representacional*, pois só se torna possível através da sua materialização espacial (BAKHTIN, 2018 [1937-1938]). Representa-se a mudança temporal pela ação do tempo na modificação do espaço característico dos acontecimentos narrativos, bem como nas várias formas de mudança da vida das personagens. Enquanto o espaço extenso e preenchido torna-se imprescindível para a concreta manifestação do tempo movente, o segundo, com as suas formas de ação e de duração, é o meio de constituição e de desenvolvimento do primeiro.

A inter-relação entre os diversos cronotopos trata-se de um outro pressuposto da concepção bakhtiniana. Diferentemente de uma noção estável e uniforme de espaço e de tempo – da qual nos seriam dadas apenas partes –, uma noção de um cronotopo abarcador se torna possível somente na admissão das relações constitutivas entre os acontecimentos em suas distintas formas de duração, a poder desdobrar-se em outras configurações articuladas de espaço e de tempo – ou seja, de cronotopos. Um dado acontecimento representado pode se dividir, em sua constituição cronotópica, em inúmeros momentos componentes da unidade total do cronotopo, com distintas durações referentes a cortes cronotópicos, o que se liga concomitantemente aos modos como cada personagem de uma narrativa, enquanto um *sujeito* de uma dada posição axiológica no interior do acontecimento narrado, torna-se um partícipe da percepção constituidora do cronotopo – para um, pode manifestar-se com uma duração mediana, enquanto, para outro, com uma longa, o que se torna dependente dos modos idiossincráticos de constituição de cada personagem. Em mesma direção, o filósofo russo nos orienta:

Os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas. Estas inter-relações entre os cronotopos já não podem surgir em nenhum dos cronotopos isolados que se inter-relacionam (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 229).

---

3. O que se trata da assunção metafórica – *quase* –, por parte de Bakhtin (2018), de um dos pressupostos da concepção einsteiniana, no que se refere, em particular, ao aspecto da relação indissociável entre o espaço e o tempo. Este é, na concepção bakhtiniana – em remissão à de Einstein –, a quarta dimensão do espaço.

Visto que os lugares dos *objetos* e dos sujeitos de uma trama narrativa se encontram determinados pela sua localização espacial e temporal, o conceito de Bakhtin é fundamental para a nossa adequada compreensão das suas configurações nos acontecimentos enquanto arranjos de imagens significativas da cultura, enquanto um elemento determinante das diferentes posições axiológicas por meio das quais se determinam os aspectos do conteúdo e da forma de uma obra narrativa. De maneira mais geral, tudo se resume na seguinte fala de Bakhtin:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história. Os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 12).

A mesma noção se reflete na abordagem de Bakhtin em seu texto *O tempo e o espaço na obra de Goethe* (2011d [1962]), no qual nos fala a respeito tanto da inter-relação entre a dimensão espacial e a temporal, quanto da materialização do tempo no espaço dos acontecimentos narrativos:

A capacidade de ver o *tempo*, de ler o *tempo* no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos) (BAKHTIN, 2011d, [1962], p. 225, grifos do original).

Através dos modos de configuração do acontecimento, deduzem-se os seus fundamentos precípuos, que se manifestam como as condições formais de possibilidade do seu engendramento e da sua formação no interior de uma narrativa: o espaço e o tempo. Além do mais, o excerto bakhtiniano nos orienta para a consideração segundo a qual se derivam as noções de espaço e de tempo, na conjuntura de uma narrativa, das interações entre as personagens – posições axiológicas – com o mundo (representado), na medida em que se colocam a configuração espacial e a dimensão temporal, em sua articulação, como o fundamento do acontecimento em questão. Os traços significativos através dos quais se determina o cronotopo de um acontecimento narrativo derivam-se da cultura, o que nos oferece um entendimento do alto grau de inserção das representações culturais do espaço social e do tempo histórico na forma de estabelecimento, por exemplo, da literatura. Portanto,

o *onde* e o *quando*, de planos históricos e sociais, tornam-se os meios pelos quais se historicizam o espaço e o tempo, que se articulam em uma consubstanciação pela qual se constituem e regulam-se de maneira dependente. Em relação à interligação constitutiva e reguladora entre o espaço e o tempo, portanto, direcionamo-nos à eventicidade histórica do acontecimento (CASTRO DIAS; VILAS BOAS, 2019, p. 84).

Em relação ao romance, o cronotopo distingue-se em diversas dimensões intrínsecas à obra. No âmbito mais extrínseco, pode-se dividir em três, basicamente: o do autor, o da narração e o do leitor, que se constituem e se regulam, embora distintos, em suas produções de sentidos, de acordo com cada perspectiva. E, segundo o entendimento de Morson e Emerson (2008, p. 186), “como percepções do mundo, eles [os cronotopos] podem discordar (ou concordar) implicitamente entre si” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 186), dado o caráter axiológico, em sua constituição, de cada cronotopo. Com uma profundidade maior, Bakhtin nos aponta:

[...] o início e o fim do acontecimento narrado (representado) e o início e o fim da narração (representação) desse acontecimento são acontecimentos completamente diversos, situados em diferentes universos e, antes de tudo, em diferentes cronotopos: no cronotopo das personagens, no cronotopo do autor (narrador) e no cronotopo do ouvinte (ou leitor). É muito complexa a interrelação desses três cronotopos (no cronotopo do autor entre o cronotopo do ouvinte, que o autor procura antecipar e a quem se dirige a sua narrativa (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 138).

O cronotopo, longe de uma ideia realista de espaço e de tempo como dados em si mesmos na realidade, constitui-se como uma proposta por meio da qual se dedicou Bakhtin a compreendê-los em sua formação histórica, enquanto determinados pelos sentidos e pelos valores da cultura (BAKHTIN, 1993 [1919-1921]), como dimensões articuladas, de modo indissociável, em uma unidade aberta, na sua necessária relação entre o acontecimento e a personagem no interior de uma dada obra narrativa. Enquanto se insere, determinado por uma posição axiológica em relação com a cultura – o autor em uma dimensão relacional entre o autor-criador e o *autor-pessoa* –, como o fundamento de princípio e de possibilidade do acabamento significativo e valorativo – pois se trata do elemento determinante do conteúdo e da forma – do acontecimento congregante das experiências vividas das personagens – e dos objetos vários –, o cronotopo, de acordo com a nossa compreensão, torna-se uma proposta filosófica de reorganização do entendimento, primeiro, da inseparável relação entre a arte, a cultura e a vida (BAKHTIN, 2011a [1919]) e, segundo, da natureza espacial e temporal, na esfera intrínseca à obra, do desenvolvimento da narrativa, o que se dá através da ação, por meio da atuação constitutiva e reguladora da posição significativa e valorativa do autor-criador, dos centros axiológicos da sua formação: as personagens.

Assim, qualquer acontecimento, na arte ou na vida, engendra-se e desenvolve-se no espaço e no tempo, em sua articulação essencial, que se representam, porém, através de um processo de leitura e de percepção dos seus componentes mediadores:

Encontramo-nos, na verdade, não com o espaço e com o tempo enquanto objetos representáveis, mas, sim, enquanto enquadres intuitivos para a representação, de formação histórica e social, os quais inferimos quando nos localizamos e situamo-nos nos acontecimentos de nossas relações históricas e sociais com os objetos e com os sujeitos, através de nossas alteridades (CASTRO DIAS; VILAS BOAS, 2019, p. 83).

Enquanto *enquadres intuíveis* da formação, da percepção e da representação do acontecimento – e da ação dos entes concretos –, trata-se de *formas necessárias* para a instituição, logo, do conhecimento e da intuição, por exemplo, das personagens – e nossos em relação a elas, bem como de uma personagem em relação às outras –, o que se realiza através das suas interações com os elementos constitutivos – objetos e sujeitos – da cena imediata do acontecimento narrado. Tudo se efetiva no cenário de atividade humana no mundo (representado), tanto no sentido prático, quanto no teórico – ambos, porém, enquanto atos ou ações –, à luz das relações de alteridade com os objetos e os sujeitos. Portanto,

As nossas imagens do cronotopo formam-se quando inferimos o espaço e o tempo enquanto enquadres históricos e ideológicos se realizando segundo as nossas organizações culturais e sociais, através de nossas relações, em alteridade constitutiva e reguladora, com os objetos e com os sujeitos nos acontecimentos do e no mundo, quando, entretanto, realizamos as nossas representações por meio de nossos enunciados (CASTRO DIAS; VILAS BOAS, 2019, p. 84).

Na medida em que se insere como a sua condição de possibilidade e o seu fundamento de princípio, o cronotopo forma-se pela materialidade do acontecimento sob o qual se encontra. É, ao enquadrá-lo ou *enformá-lo* – dar-lhe forma –, a sustentação arquitetural do acontecimento narrativo. E, portanto, distingue-se a forma do cronotopo – na sua duração, sobretudo, mas, também, no seu sentido e no seu valor – dada a mudança da constituição ou da organização do acontecimento: “a tese crucial de Bakhtin é que o tempo e o espaço variam em *qualidades*; diferentes atividades e representações sociais dessas atividades presumem tipos de tempo e espaço” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 384).

Em certo sentido, manifesta-se aí um dos sentidos pregnantes das noções kantianas: o *formal*. É o que nos ocupará agora.

## Sobre o espaço e o tempo na concepção kantiana

Quando se trata da questão do espaço e do tempo na filosofia de Kant, há muitos equívocos devido a um certo grau de obscuridade do uso kantiano do termo *a priori*, que se define, quando se refere ao conhecimento, como *independente de toda e qualquer experiência particular* (KANT, 2015 [1781]). Parsons (2009, p. 86), inclusive, diz-nos que “Kant não é muito preciso sobre o que é essa ‘independência’”, o que se coaduna com a nossa percepção já esboçada. Na parte denominada *Estética transcendental* de *Crítica da razão pura* (2015 [1781]), encontra-se toda a discussão kantiana a respeito das noções de espaço e de tempo, dentro do seu projeto de criação de uma filosofia transcendental, que se resume à “[...] elucidação de um conceito como um princípio a partir do qual se pode discernir a

possibilidade de outros conhecimentos sintéticos *a priori*”<sup>4</sup> (KANT, 2015 [1781], p. 75). Höffe, no entanto, dá-nos uma definição muito esclarecedora no que se refere ao sentido estrito de transcendental na filosofia kantiana:

Kant chama de transcendental a investigação com a qual ele responde à tríplice pergunta sobre a possibilidade dos juízos sintéticos *a priori*. Este conceito central para a crítica da razão está exposto “parcialmente a mal-entendidos horríveis” (Vaihinger, I 467). Do mesmo modo que “transcendente” e “transcendência”, o termo “transcendental” pertence ao verbo latino “*transcendere*”, que literalmente significa “ultrapassar um limite”. Se os termos “transcendente” e “transcendência” sugerem um mundo além do nosso mundo da experiência, Kant refuta a ideia segundo a qual o “além”, o mundo supra-sensível, seja algo objetivo para o qual possa haver um conhecimento válido no âmbito do teórico. É verdade que também na investigação transcendental de Kant se ultrapassa a experiência. Porém, o sentido desse ultrapassar se inverte. Pelo menos no início, Kant se volta para trás, não para frente. No âmbito teórico, ele não busca um “transmundo” atrás da experiência, “muito longe” ou em “alturas etéreas”, mundo esse do qual Nietzsche escarnece como objeto da filosofia tradicional. Kant pretende desvendar as condições *prévias* da experiência. No lugar do conhecimento de um outro mundo, aparece o conhecimento originário de nosso mundo e de nosso saber objetivo. Kant investiga a estrutura profunda, pré-empiricamente válida de toda experiência, estrutura que ele – conforme ao experimento de razão da revolução copernicana – presume no sujeito (HÖFFE, 2005, p. 58-59, grifos do original).

A questão do espaço e do tempo, no entanto, refere-se mais a um ponto distinto – mas relacionado – à instituição do *conhecimento sensível*, pois não são derivados, necessariamente, da experiência externa, assim como não são concernentes ao *entendimento* – princípios formadores do conhecimento, na concepção de Kant (2015 [1781]). De modo geral, o espaço e o tempo se apresentam, segundo a demonstração da filosofia kantiana, como *intuições a priori* – ou seja, enquanto independentes de toda e qualquer experiência particular, mas compreensíveis e aplicáveis somente na *experiência possível* (HÖFFE, 2015). Na concepção kantiana, o espaço e o tempo se dão, de forma necessária, como anteriores, portanto, à experiência, mas somente, porém, na relação entre o objeto e a intuição, na medida em que se torna a condição para a representação do objeto como fora da experiência interna, localizado no *ali*.

Logo, trata-se de *noções*, uma vez não se caracterizando como pertencentes às coisas em si, mas como referentes à condição humana de instituição dos *fenômenos* (KANT, 2015 [1781], p. 71) – isto é, de acordo com o modo condicional através do qual se relaciona (intuição e conhecimento) o sujeito com o objeto. As noções de espaço e tempo, assim, entram na constituição subjetiva da mente, tornando-se uma condição para a instituição do conhecimento sensível do fenômeno.

---

4. O conhecimento sintético refere-se ao instituído por uma forma particular de juízo, chamado de *juízo sintético*, no qual não se encontra o conceito de um predicado no conceito de um sujeito. De outro modo, não se deduz, a partir de uma análise do conceito de um predicado, o conceito de um sujeito – isso é o que caracterizaria uma outra forma de juízo, denominado *analítico*. Portanto, sempre se acrescenta, nos juízos sintéticos, o conceito de um predicado ao de um sujeito, motivo pelo qual se admite, na filosofia kantiana, o juízo sintético como o responsável pela extensão do conhecimento. Um dos grandes dilemas da filosofia de Kant localiza-se na busca pela determinação das condições de possibilidade dos juízos sintéticos *a priori*, aqueles em cuja estrutura se apresentam conceitos como independentes de toda e qualquer experiência particular.

Na filosofia kantiana, as concepções de espaço e de tempo se ligam ao seu projeto de compreensão e de delimitação das condições de possibilidade do nosso conhecimento, como já apontamos. Embora se concebam como noções correlatas, são enunciadas separadamente, através de uma eliminação redutiva após a separação, na intuição e no conhecimento, dos componentes da sensibilidade e do entendimento (HÖFFE, 2005). A noção de espaço, em particular, caracteriza-se como a definição da condição de possibilidade do conhecimento e do reconhecimento dos objetos dados na intuição do sujeito<sup>5</sup>. Mesmo não se referindo diretamente às experiências externas em sua particularidade, encontra-se instituído como o fundamento da empiricidade – e, portanto, enquanto ao que se refere à experiência possível. Para a instituição da percepção e do conhecimento dos fenômenos, o espaço se manifesta como uma condição determinante das medidas, no estabelecimento das distâncias dos objetos intuídos como um ao lado do outro. O espaço “é tão somente a forma de todos os fenômenos dos sentidos externos, isto é, a única condição subjetiva da sensibilidade sob a qual nos é possível a intuição externa” (KANT, 2015 [1781], p. 76), o que se explica da seguinte maneira:

Para que eu possa perceber uma cadeira “fora de mim” e “ao lado da mesa” já pressuposto – além das representações de mim mesmo, da mesa e da cadeira – a representação de um “fora”, isto é, de um espaço no qual a cadeira, a mesa e o eu empírico ocupam determinada posição entre si, sem que esse espaço seja uma propriedade da cadeira, da mesa ou do eu empírico (HÖFFE, 2005, p. 72).

Para Kant (2015 [1781]), o espaço, portanto, é o meio para a intuição dos objetos externos pelo sujeito cognoscente, mas somente enquanto uma *forma subjetiva* – relacionada, assim, à própria condição transcendental do sujeito. Segundo o filósofo alemão, “o espaço é representado como uma grandeza infinita dada” (KANT, 2015 [1781], p. 75), o que nos significa: trata-se do primeiro conteúdo mental pertencente ao sujeito. Ainda, “fora do espaço, porém, não há nenhuma outra representação subjetiva, referida a algo externo, que pudesse denominar-se objetiva a priori. Pois não se pode deduzir de representações assim, como se pode da intuição no espaço, proposições sintéticas a priori” (KANT, 2015 [1781], p. 77).

Ou seja, o espaço se faz presente como uma estrutura formal de todo objeto passível de intuição. É assim que vai se definir como uma forma *a priori*, pois a sua estrutura é pressuposta, segundo a filosofia kantiana, na estrutura transcendental do sujeito, e não na realidade – nem apenas no sujeito empírico –, o que se realiza na medida em que o espaço é colocado como o próprio fundamento formal para a intuição dos objetos da experiência externa do sujeito.

O tempo, por sua vez, dá-se como um *sentido interno*, quando se presume a *simultaneidade* ou a *sucessibilidade* das coisas. De acordo com o filósofo alemão:

---

5. A intuição define-se do seguinte modo: “quaisquer que sejam o modo ou os meios pelos quais um conhecimento se relaciona aos objetos, aquele pelo qual se relaciona imediatamente a eles, e a que todo pensamento como meio se dirige, é a *intuição*” (KANT, 2015 [1781], p. 71, grifo do original).

o tempo não é senão a forma do sentido interno, isto é, do intuir a nós mesmos e a nosso estado interno. Pois o tempo não pode ser uma determinação dos fenômenos externos; ele não pertence a uma figura, a uma situação etc.; ele determina, pelo contrário, a relação das representações em nosso estado interno (KANT, 2015 1781, p. 81).

O tempo, bem como o espaço, apresenta-se como a condição para a intuição das coisas, assim como para o sujeito se intuir. Trata-se de uma noção referente ao tempo enquanto uma condição apriorística e formal, que se pressupõe não na relação de simultaneidade e de sucessibilidade entre as coisas, mas, sim, na estrutura cognoscente do sujeito<sup>6</sup> em relação aos objetos submetidos ao sentido interno. Assim como o espaço, é, portanto, uma forma subjetiva por se tratar de uma estrutura interna através da qual se estabelecem as relações temporais de simultaneidade e de sucessão do sujeito em relação aos objetos externos e às sensações internas.

Assim, o espaço e o tempo, enquanto *intuições puras*, definem-se como estruturas da própria cognição do sujeito transcendental. Ao espaço e ao tempo como *absolutos*, aplica-se a dedução do argumento da infinitude<sup>7</sup> – trata-se de uma grandeza infinita dada –, podendo, logo, pressupor-se a continência de espaços singulares em outros maiores, ao ponto de se chegar à impossibilidade da sua definição. O espaço absoluto, portanto, dá-se de modo infinito, ao qual não se pode atribuir, assim, qualquer mensuração. No entanto, o espaço intuído, por mais que pressuponha o espaço absoluto, dá-se de forma limitada à representação do sujeito. De modo aproximado, o tempo se define, assim, como um *absoluto unitário*, dentro do qual se alocam os tempos particulares da intuição do sujeito cognoscente. Como nos diz Höffe, “o conceito de mesa, por exemplo, se refere a todos os exemplares de mesa, enquanto existe só o todo de um único espaço e de um tempo unitário, que contêm em si todos os espaços e tempos parciais como elementos não independentes” (HÖFFE, 2005, p. 73).

Portanto, o espaço e o tempo, na filosofia kantiana, apresentam-se como estruturas formais sempre pressupostas por todo ato cognoscível de um sujeito cognoscente, determinando-se como intuições puras, isto é, *a priori*, pois não se refere ou se limita aos espaços e aos tempos das experiências particulares. Antes, trata-se de um conjunto sempre pressuposto e presente, que se coloca como a condição mesma para a formação de qualquer conhecimento sensível dos sujeitos. Logo, é parte da estrutura cognoscível do sujeito transcendental, que se

---

6. Não se trata do sujeito empírico. O sujeito cognoscente refere-se à estrutura transcendental da nossa condição de intuição e de conhecimento, que é comum e igual em todo ato particular de um sujeito empírico. É a própria estrutura que permite o conhecimento. Essa noção se reveste de necessidade e de universalidade da condição de conhecer do ser humano. Ela se liga diretamente ao chamado *eu transcendental* de Kant, que é a estrutura sintética que unifica todo ato de consciência – e da consciência conseqüentemente.

7. De acordo com Souza (2005), o espaço e o tempo, no capítulo referente em *Crítica da razão pura* (2015), caracterizam-se por certas determinações: as *propriedades*, as *relações* e os *sentidos*. A infinitude encontra-se no bloco das propriedades, o que nos significa que o espaço e o tempo, enquanto condições formais de possibilidade do conhecimento sensível, são, de acordo com a doutrina transcendental de Kant, infinitos, *unos* ou *homogêneos* e *imóveis*. No bloco das relações, o espaço define-se pelo conceito de *extensão*, enquanto o tempo pelos de *sucessibilidade*, *simultaneidade* e *permanência*. Quanto ao dos sentidos, o espaço refere-se ao *sentido externo* e o tempo ao *sentido interno*. Logo, “o espaço e o tempo têm propriedades idênticas, mas relações diferentes e sentidos opostos” (SOUZA, 2005).

encontra subjacente, enquanto um constituinte, a toda forma particular de conhecimento e de representação dos sujeitos empíricos. É, em oposição às *sensações*, uma estrutura de caráter formal, as condições formais, portanto, da faculdade da *sensibilidade*. E, de acordo com Souza (2005), trata-se de uma *condição necessária*, isto é, uma estrutura “[...] ‘sem qual’ nada se deduz ou ocorre” (SOUZA, 2005, p. 742). Ao lado do espaço e do tempo, outra condição necessária se torna pressuposta:

Deve-se pressupor as sensações como a contraparte da condição necessária que, junto como o espaço e tempo, deve compor a base indispensável para a produção de todo conhecimento sensível. As sensações são realmente condições necessárias da experiência, porque sem elas não é possível conhecimento empírico (SOUZA, 2005, p. 743).

Assim, precisamos admitir, ainda de acordo com Souza (2005), o espaço e o tempo como estruturas necessárias de caráter formal, em oposição às de caráter *material* – no caso, as sensações. O que nos interessa cá é o caráter imprescindível das condições formais para a instituição de todo e qualquer conhecimento sensível, questão demasiado importante para o nosso entendimento dos pontos concordantes e discordantes entre a concepção bakhtiniana e as noções kantianas. As propriedades determinantes do espaço e do tempo – como mencionamos, infinitude, unicidade ou homogeneidade e imobilidade – se apresentam a partir de uma série de deduções lógicas dos argumentos apresentados por Kant.

Cada propriedade<sup>8</sup> refere-se ao estabelecimento de um certo número de condições para a instituição prévia do espaço e do tempo enquanto estruturas formais do conhecimento sensível, bem como para a delimitação da possibilidade de dedução das suas formas particulares. Portanto, o que nos é apresentado pela filosofia kantiana é uma noção absoluta do espaço e do tempo, que se colocam como pressupostos para o exercício da intuição. Por tal motivo, definem-se pelas propriedades de infinitude, homogeneidade e imobilidade. Não se trata, logo, de uma noção realista de espaço e de tempo, muito menos culturalista. A concepção kantiana dedicou-se à apresentação do espaço e do tempo enquanto estruturas transcendentais da experiência – isto é, condições sem as quais não se poderia realizar o conhecimento sensível.

Após a nossa breve apreciação da questão do espaço e do tempo na filosofia kantiana, cabe-nos o entendimento da relação do conceito bakhtiniano de cronotopo com as noções do filósofo alemão, o que se dará a seguir.

## Convergências e divergências entre a concepção de Bakhtin e as noções de Kant

A partir das nossas apreciações das considerações bakhtinianas e das noções kantianas de espaço e de tempo, surge-nos uma pergunta: em quais pontos se aproximam e em quais se distanciam ambos os pensadores? Ater-nos-emos a um certo número de aproximações e de dis-

---

8. Não nos dedicaremos a uma especificação maior das propriedades. Contentamo-nos com a nossa exposição já elaborada para a realização dos nossos objetivos mais imediatos.

tanciamentos entre as suas teorizações. Mas, antes, parece-nos necessária a seguinte menção: em certo sentido, a acepção kantiana, sob diversos aspectos, encontra-se na base da concepção bakhtiniana – modificada, obviamente, pela crítica de Bakhtin ao elemento transcendental da definição de Kant. O pensador russo, aliás, refere-se às noções kantianas no início da sua obra:

Em sua “Estética transcendental”, Kant define o espaço e o tempo como formas necessárias de todo conhecimento, a começar pelas percepções e representações elementares. Aceitamos a apreciação kantiana do significado dessas formas no processo de conhecimento, mas, à diferença de Kant, não as concebemos como “transcendentais” e sim como formas da própria realidade factual (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 12).

Por um lado, há um endossamento da concepção kantiana por parte de Bakhtin, no que se refere particularmente ao caráter estrutural, determinante e, portanto, necessário do espaço e do tempo para a instituição do conhecimento e da representação. Como nos orienta Morson e Emerson, “Kant, como se sabe, afirmou que tempo e espaço são formas de cognição indispensáveis, e Bakhtin endossa explicitamente essa concepção” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 384). Por outro, há, contudo, uma reação negativa de Bakhtin ao sentido transcendental da concepção kantiana – o que não nos parece ser uma negação da sua possibilidade em certo nível (metafísico), propriamente. Mas o que nos cabe é a tentativa de compreensão de como as noções kantianas podem ter-se tornado fundamental para a instituição da concepção bakhtiniana, uma vez colocadas, em sua definição, em um campo muito mais amplo, geral e, portanto, distinto.

Segundo a nossa compreensão, o uso remissivo e responsivo da palavra *forma* é um forte indicativo de um ponto de convergência parcial entre a concepção bakhtiniana de cronotopo e as noções kantianas. Mas, no caso do pensamento de Bakhtin, o espaço e o tempo se afirmam em sua concretude em um certo acontecimento, em sua dependência, conjuntamente, de uma série de condições para a sua instituição. Distintamente das noções kantianas, o entendimento de Bakhtin opera com entes concretos inseridos no acontecimento. O cronotopo não é, portanto, dado pela realidade como se fosse uma forma objetiva do real em si mesmo, nem é, em termos kantianos, uma forma *a priori* da intuição, ou seja, transcendental – mesmo que Bakhtin não negue o caráter transcendental do espaço e do tempo como possível. Ao contrário, é uma forma cujas bases determinantes se encontram, por um lado – mediadamente –, fincadas no solo da cultura *na* história e, por outro – imediatamente – no acontecimento que enforma ou enquadra, que se reflete, na sua transposição, por exemplo, para o plano da literatura, nas imagens cronotópicas do romance.

Como vimos, a aprioridade ou o apriorismo trata-se de um caráter constitutivo da conceituação de espaço e de tempo em Kant. Trata-se de uma estrutura formal através da qual se determina a possibilidade de instauração do conhecimento. Mas, justamente pelo seu caráter necessário e transcendental, são noções estabelecidas como independentes de toda e qualquer experiência particular<sup>9</sup>. No entanto, ambas se definem como formas dependentes

---

9. Se dependesse de uma experiência particular, não se definiria como uma intuição pura, isto é, necessária, geral e universal.

da estrutura cognoscível do sujeito cognoscente, pois não se referem a algo dado na realidade dos objetos externos. Semelhantemente a Kant, o cronotopo define-se como uma forma – ou, em outros termos, um enquadre intuível (CASTRO DIAS; VILAS BOAS, 2019) –, que se encontra submetida, contudo, aos diversos tipos de atividade de sujeitos inseridos na história, sob a égide das suas relações de alteridade, em remissão contínua e necessária à cultura.

Diferentemente, o cronotopo, portanto, não é transcendental, pois é uma forma constituída não por um sujeito transcendental – a estrutura cognoscível –, mas, sim, em um acontecimento concreto, a partir das condições históricas da vida e da cultura, na medida em que é o fundamento mesmo da experiência no acontecimento. Pela concepção bakhtiniana, realiza-se uma espécie de *destranscendentalização* das noções kantianas, sem a negação, por parte de Bakhtin, da validade teórica (metafísica) do seu caráter transcendental. Todos os pontos centrais do cronotopo se determinam a partir dos valores e dos sentidos de uma cultura (BEZERRA, 2018), o que faz com que, mesmo constituído pelos sujeitos em interação entre si e com o mundo – no caso do romance, representado –, sejam dependentes de todas as condições concretas (história, cultura, sociedade, etc.).

Assim como na concepção kantiana, o espaço e o tempo, na acepção de Bakhtin, não se dão à representação do mesmo modo como os objetos e os sujeitos do mundo (CASTRO DIAS; VILAS BOAS, 2019). O cronotopo estabelece-se enquanto uma *forma histórica*, que se constitui por uma série de condições concretas – não transcendentais, portanto. Por outro lado, é intuível, ou seja, determina-se como uma manifestação à intuição dos sujeitos, mas apenas através dos componentes indispensáveis do acontecimento, isto é, dos objetos e dos sujeitos em relação, por exemplo, na trama romanesca. Aparece-nos, então, como o fundamento formal dos atos e das representações, com, porém, todo um caráter histórico por se formar a partir de sentidos e de valores de uma cultura. A representação do cronotopo, assim, depende de toda apresentação valorativa do acontecimento.

Uma outra diferença encontra-se na maneira como se entende a globalidade ou a totalidade – a infinitude, poderíamos afirmar – do espaço e do tempo em Bakhtin e em Kant. Na filosofia kantiana, o espaço e o tempo, em suas propriedades, determinam-se como infinitos, unos ou homogêneos e imóveis. Trata-se da delimitação, através de um procedimento dedutivo, de uma acepção absoluta de espaço e de tempo. É, portanto, a sua definição enquanto o *grande pano de fundo* a partir do qual se realizariam as formas de singularização do espaço e do tempo – os fragmentos de uma totalidade.

Em Bakhtin, a relação parece-nos se inverter: dada a necessidade de operação, no pensamento bakhtiniano, com as noções e os fenômenos a partir somente da sua emergência concreta, nada se pode afirmar, apodicticamente, sobre uma noção absoluta de espaço e de tempo, uma vez não se tratando a infinitude de uma medida mensurável na ocorrência real da configuração do espaço e do tempo em sua articulação sintética. Para a filosofia bakhtiniana – o que se reflete bem na sua concepção de cronotopo –, o *grande tempo* (BAKHTIN, 2011b)

trata-se de uma pressuposição *hipotética*, passível de intuição somente a partir do caráter apodítico de cada cronotopo concreto, delimitado, relacional e unioorrente pelo qual se compõe a forma global da *teia espaço-temporal*. Mesmo no enredo de um romance – no qual se manifestam o espaço e o tempo enquanto formas representadas, cujas estruturas primárias se enraízam na relação da cultura com a vida –, a totalidade cronotópica é apresentada mediante a articulação relacional e sintética entre os acontecimentos encadeados, razão por meio da qual se entrecruzam, constitutiva e determinantemente, os diversos cronotopos. Somente, portanto, pela relação concreta entre os diferentes cronotopos – cujos limites se determinam pela delimitação dos sentidos valorativos (representações) dos acontecimentos – é que se forma uma unidade cronotópica de maior extensão.

A primazia do tempo é uma dedução clara da concepção de ambos os pensadores mobilizados aqui. Na filosofia de Kant, o conceito de modificação deriva-se da sua necessária inserção no movimento temporal: “o conceito de modificação, e com ele o conceito de movimento, só são possíveis na representação do tempo e por meio dela” (KANT, 2015 [1781], p. 80). De outra maneira, somente no tempo podem efetivar-se as mudanças e as representações do espaço, o que se assemelha, em partes a uma certa parte da concepção já enunciada de Bakhtin sobre a materialização da temporalidade no espaço, assim como da espacialização do tempo.

No entanto, a concepção bakhtiniana – em relação, tal como assumida pelas palavras de Bakhtin (2018 [1937-1938]), com a teoria de Einstein – diferencia-se em um outro ponto: o tempo, por mais priorizado que seja pelo seu caráter determinante das mudanças espaciais, só o é enquanto colocado, teoricamente, como a quarta dimensão do espaço – portanto, como um dos fatores determinantes para a constituição e para a determinação da sua existência e da sua configuração. E o é, por um lado, na sua manifesta concreção no espaço, quando *o tempo se espacializa*. E, por outro, o espaço só se torna possível enquanto *devir* – isto é, desenvolvimento e mudança –, na medida em que se temporaliza. Segundo as suas palavras, “os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo” (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 12)<sup>10</sup>. O que se assume, na perspectiva bakhtiniana, é a relação indissolúvel entre as noções concretas de espaço e de tempo.

Logo, a apreensão do tempo só se torna possível através da sua materialização no espaço, quando se torna o fator determinante da duração e da mudança dos componentes do acontecimento, localizados espacialmente. É o espaço que lhe concede, assim, *conteúdo*, enquanto o tempo é a forma do próprio conteúdo do espaço. Por um lado, a aproximação entre Bakhtin e Kant é possível a partir de um certo grau – menor em um e maior em outro – de primazia da noção de tempo, por se tratar este de uma condição de realização efetiva da

---

10. O que nos leva ao entendimento do seguinte problema: o tempo, assim colocado pela teoria bakhtiniana, trata-se de uma dimensão determinante das demais, pois a mensuração do espaço só se torna possível mediante a sua inserção no desenvolvimento temporal. Logicamente, a concepção de Bakhtin sustenta-se sobre uma metaforização da concepção física e filosófica de Einstein, pois o seu interesse se direcionava para o espaço social e para o tempo histórico nos quais se efetivam as emergências concretas dos acontecimentos, seja na arte, seja na vida.

mensuração e da percepção do espaço. Por outro, Bakhtin se distancia de Kant através da sua concepção de conteudização do tempo pela materialidade – componentes do acontecimento – do espaço, o que não se enuncia na teoria kantiana – não do mesmo modo.

O conceito de cronotopo de Bakhtin, assim, apresenta-se como uma proposta teórica de compreensão da inter-relação constitutiva e sintética entre as manifestações concretas do espaço e do tempo, o que nos indica a impossibilidade da concepção de ambos como esferas separadas, seja na arte – como no caso do cronotopo romanesco –, seja na vida. Também, é evidente, à nossa compreensão, a relação intrínseca e direta entre certos aspectos das noções de Kant e outros da concepção de Bakhtin, o que nos ajuda na elucidação de parte das bases e dos processos de formação do conceito bakhtiniano de cronotopo, bem como na definição – aqui, parcial – de parte das fontes primárias dos fundamentos e dos pressupostos da teoria bakhtiniana.

Além do mais, cabe-nos uma referência ao fato incontornável do aspecto de *concretude* se tratar de um dos traços mais marcantes da concepção bakhtiniana, o que se fundamenta, sobretudo, na inserção da sua compreensão do espaço e do tempo no seio do seu entendimento de como se organiza a unidade das relações humanas, isto é, o acontecimento. A noção de acontecimento, como brevemente mencionamos, refere-se à ideia de *evento único do Ser* (BAKHTIN, 1993 [1919-1921]). Traduzido do vocábulo russo *sobyítie* (событие), acontecimento ou evento, para a nossa língua, pode verter-se também como *coexistência* – ou *cosser* –, referindo-se à existência alteritária – a existência *com* o outro, na e para a transformação do mundo objetivo em acontecimento significado e valorado pelo *ato concreto*, bem como para a formação da consciência – dos entes humanos no *evento em processo do Ser* (BAKHTIN, 1993 [1919-1921]). Segundo Villarta-Neder (2019), o conceito referido é uma proposta para a compreensão do “estarmos sendo, a celebrarmos cada acontecimento como algo que nos congrega, que nos faz estar juntos (*sobyítie* = *so* + *býtie*)” (VILLARTA-NEDER, 2019, p. 36).

Queremos afirmar, portanto, que todo cronotopo é *um cronotopo de um acontecimento concreto*, de *uma unidade da coexistência*. Trata-se de uma forma abarcadora ou enformadora – e, portanto, determinante e necessária – da *eventicidade concreta* da coexistência histórica dos entes humanos, do qual se derivam as estruturas primárias de determinação das configurações do espaço e do tempo – da sua extensão (espaço), da sua duração (tempo), do seu sentido e do seu valor (de ambos). Todo acontecimento concreto de coexistência dos entes humanos pressupõe um *arranjo cronotópico*, que se apresenta como a sua forma – uma certa semelhança com o ideal formal das noções kantianas – e, logo, o seu fundamento, cuja constituição se dá, contudo, mediante somente a atividade criadora dos entes humanos nas suas organizações culturais e históricas. A condensação entre o acontecimento e o cronotopo, então, efetiva-se quando o espaço e o tempo se instauram, em sua articulação sintética de sentidos e de valores de natureza cultural e histórica, como os fundamentos da eventicidade concreta da coexistência humana, tanto na vida, quanto na arte.

Uma outra característica ainda é demasiado importante para a nossa delimitação final do entendimento singular de Bakhtin acerca do espaço e do tempo, em sua relação, sobretudo, com o acontecimento da coexistência: trata-se da aberta inesgotabilidade do sentido de ambos, o que se dá graças ao movimento contínuo da vivência humana na história. A coexistência se estabelece como uma *concreta eventicidade* (BAKHTIN, 1993 [1919-1921]) – segundo a nossa concepção, um *movimento movente*. A mudança da vida se efetiva *no* tempo histórico materializado *no* espaço concreto. E tudo se realiza à luz da consciência viva dos entes humanos – seja no plano da arte, seja no da vida –, cujas experiências se tornam possíveis apenas na unidade da coexistência com um marcado fundamento cronotópico, o que nos mostra a evidente centralidade da consciência concreta e viva em todo o processo de concepção do acontecimento histórico. Como nos orienta a concepção bakhtiniana,

[...] o evento único do Ser não é mais algo que é pensado, mas algo que é, alguma coisa que está sendo real e inescapavelmente completado através de mim e de outros; ele é realmente experimentado, afirmado de uma maneira emocional-volitiva, e a cognição constitui apenas um momento desse experimentar-afirmar. A unicidade única ou singularidade não pode ser pensada; ela só pode ser participativamente experimentada ou vivida (BAKHTIN, 1993 [1919-1921], p. 30).

A *coexistencialidade* é, logo, o movimento cronotópico da coexistência – razão do seu inacabamento. Todo acontecimento da coexistência pressupõe uma certa unidade cronotópica. Ambos só existem para e por entes históricos em alteridade, em determinadas condições materiais da história. Assim se define, portanto, o conceito de Bakhtin, que se aproxima novamente de Kant, mas com muitas ressalvas. Na filosofia kantiana, o espaço e o tempo, como vimos, trata-se de formas *a priori*, dotadas de um caráter determinante para a ocorrência da experiência e do conhecimento. Tal como para o filósofo alemão (mas não em termos transcendentais), o cronotopo é o fundamento formal da coexistência histórica dos entes humanos – e, assim, uma condição para a sua atividade (conhecimento, representação, etc.) –, mas uma forma revestida de valores da cultura, bem como dependente da concretude do próprio acontecimento enformado. Assim, forma-se uma *reciprocidade* entre o cronotopo e a coexistência.

Tudo se encontra também na organização dos componentes da obra literária. Como nos orienta Bakhtin, “a arte e a literatura estão impregnadas de valores cronotópicos de diferentes graus e dimensões. Cada Motivo, cada elemento da obra ficcional a ser destacado é o valor” (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 217). O valor mencionado, componente determinante da formação da unidade das relações entre as personagens no plano narrativo, é determinante para a formação do cronotopo enformador do acontecimento, um valor cujo fundamento se enraíza no seio da cultura, o meio de entrada da vida na arte e da constituição da vida pela arte. Logo, “[...] é evidente seu significado de enredo. Eles são os centros *organizacionais dos acontecimentos basilares* que sedimentam o enredo do romance. *Nos cronotopos atam-se e desatam-se os nós do enredo*. Pode-se dizer francamente que per-

tence a eles o significado basilar gerador do enredo” (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 226, grifos nossos). Ainda mais, o filósofo russo nos é assertivo e sintético sobre a relação entre o acontecimento e o cronotopo:

O acontecimento não se torna uma imagem. O próprio cronotopo fornece um terreno importante para a *exibição-representação dos acontecimentos*. E isso se deve justamente a uma *condensação especial* e à *concretização dos sinais do tempo* do – *tempo da vida humana, do tempo histórico* – em determinados trechos do espaço. É isso que cria a *possibilidade* de construir a imagem dos acontecimentos no cronotopo (BAKHTIN, 2018 [1937-1938], p. 227, grifos nossos).

Como nos foi mostrado por Bakhtin, o cronotopo constitui-se como um conceito de imódica relevância para a compreensão dos fenômenos humanos na arte e na vida, bem como na relação entre ambas, mas somente em seu sentido cultural e histórico. Além do mais, encontramos-nos diante de um ponto de consequências reflexivas: seja na arte, seja na vida – seja também em qualquer outro campo da cultura, como na ciência –, os modos de constituição do cronotopo, enquanto uma forma ou um fundamento da unidade da coexistência, tornam-se dependentes, primeiro, das estruturas materiais da eventicidade – ou coexistencialidade – histórica e, segundo, dos sentidos e dos valores da cultura, o que se dá através da atividade humana, em dependência, também, da estrutura cognoscível e da constituição cultural dos entes envolvidos. Daí, conseqüentemente, deriva-se um distanciamento marcante entre a concepção bakhtiniana e as noções kantianas.

## Considerações finais

Através das nossas abordagens da concepção bakhtiniana e das noções kantianas, alcançamos um vislumbre de uma parte – pequena, reconhecemos, mas suficiente por agora – das convergências e das divergências entre ambos, no fundamento kantiano, aliás, do conceito bakhtiniano. Dentre os pontos levantados pelo nosso mapeamento, o que nos importa mais encontra-se no processo, denominado pela nossa perspectiva, de destranscendentalização do caráter transcendental das noções de Kant, sem uma negação absoluta da sua possibilidade enquanto um componente do projeto filosófico do filósofo alemão.

O fundo formal da definição de Kant, de certa maneira, encontra-se na base de formação da concepção bakhtiniana de espaço e de tempo, mas sem o aspecto apriorístico no sentido kantiano. Em Bakhtin, o cronotopo é uma forma enformadora dos acontecimentos – das unidades da coexistência –, cujas estruturas se fundamentam no solo concreto de uma cultura histórica, assim como se trata de uma forma dependente das condições ligadas ao acontecimento enformado, em vinculação estreita com a constituição cultural da cognoscibilidade dos entes humanos. Portanto, aparece-nos uma aproximação, por um lado, entre Bakhtin e Kant, mas, por outro, um distanciamento, no que se refere à posição tomada pela perspectiva

bakhtiniana em relação ao caráter transcendental das noções kantianas. Para Bakhtin, o caráter apodítico da constituição do espaço e do tempo limita-se à sua formação concreta, no *aqui* e no *agora* das nossas relações na história, sob o auspício da cultura e da alteridade.

Ainda, a concepção bakhtiniana de grande tempo (BAKHTIN, 2011b [1941]) difere da noção absoluta de espaço e de tempo de Kant. Ao caráter absoluto do espaço e do tempo, pode-se outorgar, segundo a nossa compreensão da posição bakhtiniana, somente uma afirmação hipotética, o que se reflete na maneira particular de negação, por parte de Bakhtin, do caráter transcendental das noções kantianas, para a instituição, particularmente, do seu conceito de cronotopo. A apoditicidade aplica-se somente aos modos concretos de constituição e de manifestação do espaço e do tempo, ou seja, aos cronotopos únicos e uniorrentes, em suas relações intrínsecas.

Além do mais, a concepção bakhtiniana de cronotopo, em um momento da sua fundamentação epistemológica, diverge-se um pouco das noções kantianas ao se aproximar, como nos foi esclarecido por Bakhtin (2018 [1937-1938]), do ideal de espaço e de tempo da física de Einstein, na colocação, sobretudo, do tempo como a quarta dimensão do espaço, o que se filia, na concepção do pensamento bakhtiniano, à necessária vinculação consubstancial e interdependente do cronotopo ao acontecimento ou à coexistência – *sobýtie* (событие). Daí, por conseguinte, o caráter formal do cronotopo em relação somente à matéria da coexistência, através da inelutável materialização do tempo no espaço, um ponto de diferença substancial entre a concepção de Bakhtin e as noções de Kant – pois, na concepção de espaço da filosofia bakhtiniana, insere-se a matéria sensível do acontecimento.

A assunção do filósofo russo de parte dos fundamentos da filosofia kantiana (BAKHTIN, 2018) é um caminho aberto à nossa contínua investigação. Claramente, aproximam-se em certos pontos, como mostramos, e distanciam-se em outros, o que se deriva, justamente, da idiosincrasia do projeto teórico de cada um dos pensadores, em suas dimensões históricas, assim como de acordo com os horizontes gerais da sua atuação. No mais, esperamos ter conseguido elaborar, de modo inicial, um claro delineamento de uma parte importante de uma problemática demasiado ampla e complexa, de maneira, principalmente, a suscitar uma série de reflexões responsivas acerca do tema proposto e debatido pela nossa escrituração.

## Referências

AMORIN, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo/SP: Contexto, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade. In: *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2011a [1919].

\_\_\_\_\_. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Goés Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo/SP: Editora Hucitec, 2002 [1937-1938].

\_\_\_\_\_. Metodologia das ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2011b [1941].

\_\_\_\_\_. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2011c [1922-1924].

\_\_\_\_\_. O tempo e o espaço na obra de Goethe. In: *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2011d [1962].

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato*. Tradução didática da edição Americana Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993 [1919-1921].

\_\_\_\_\_. *Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2018 [1937-1938].

\_\_\_\_\_. *The dialogic imagination*. Trad. Caryl Emerson e Michael Holquist. University of Texas Press, 1981 [1937-1938].

CASTRO DIAS, Fábio; VILAS BOAS, Thayrine. Uma relação entre o cronotopo e a palavra: apontamentos epistemológicos e esboços analíticos. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, 6: 75-97, Jan./Dez. 2019.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2012 [1927].

HÖFFE, Otfried. *Immanuel Kant*. Trad. Christian Viktor Hamm e Valério Rohden. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas/ SP: Editora Unicamp, 2013 [1988].

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. 2. ed. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo/SP: Editora 34, 2009 [1962].

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Fernando Costa Mattos. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2015 [1781].

MORSON, Gary; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo/SP: editora da universidade de São Paulo, 2008.

PARSONS, Charles. A estética transcendental. In: GUYER, Paul (org.). *Kant*. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009, p. 85-128.

SOUZA, Luís. Aspectos formais da teoria do espaço e do tempo de Kant contidos na estética transcendental da *Crítica da razão pura*. In: 10º Congresso Kant Internacional: Direito e Paz na Filosofia de Kant. Anais.... São Paulo/SP: Universidade de São Paulo, 2005 741-750.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio. Ato responsável e intersubjetividade: uma trajetória acadêmica de fazer junto. *Cadernos Discursivos*, Catalão/GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p. 27-40, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).